

## **I Seminário Brasileiro sobre Livro e História Editorial**

Realização: FCRB · UFF/PPGCOM · UFF/LIHED

8 a 11 de novembro de 2004 · Casa de Rui Barbosa – Rio de Janeiro – Brasil

*O texto apresentado no Seminário e aqui disponibilizado tem os direitos reservados. Seu uso está regido pela legislação de direitos autorais vigente no Brasil. Não pode ser reproduzido sem prévia autorização do autor.*

### **Pequenas editoras e Internet: ação cultural com tecnologia para a difusão da nova literatura**

Ana Elisa Ribeiro<sup>1</sup> - UFMG

Jorge Rocha<sup>2</sup> - Fumec

#### **Resumo**

Uma profusão de pequenas editoras espalhadas por todo o Brasil comprova, pela produção de alto nível, que elas são as responsáveis pela renovação da literatura contemporânea, uma vez que buscam e encontram novos autores, além de publicarem suas obras e servirem, muitas vezes, de porta de entrada para editoras maiores. No entanto, apesar do trabalho de pesquisa e da alta qualidade gráfica permitida pela utilização de programas de computador e pelo barateamento do serviço das gráficas, as obras desses autores continuam sem distribuição satisfatória. Neste texto, refletimos sobre essa dinâmica de renovação, existência das pequenas editoras não-artesanais, parcas distribuição e divulgação.

#### **Palavras-chave**

Editora; Literatura; Distribuição.

#### **Introdução**

O mercado editorial brasileiro tem como centro grandes editoras que publicam livros didáticos, obras de auto-ajuda, livros religiosos e, em menor escala, a literatura consagrada, canônica, autorada por grandes escritores mortos e vivos. No entanto, é na periferia que a atitude editorial de pesquisa e desafio acontece, materializada nas pequenas editoras, selos que lançam obras de escritores ainda desconhecidos do grande público, capturados em qualquer estado do país, e não apenas no Sudeste ou no Sul.

Esses selos, à maneira dos selos alternativos da indústria fonográfica, produzem livros com tratamento gráfico de alto nível, assim como empreendem e aceitam o desafio de lançar nomes desconhecidos, com tiragens possíveis e distribuição quase nenhuma.

---

<sup>1</sup> Mestre em Estudos Lingüísticos pela Universidade Federal de Minas Gerais. Professora da Pós-graduação do Uni-BH, escritora e editora.

<sup>2</sup> Mestre em Cognição e Linguagem pela Universidade Estadual do Norte Fluminense. Professor do curso de Comunicação Social da Universidade Fumec-BH, escritor, editor e jornalista.

No entanto, não se trata mais de editoras artesanais, montadas em fundos de quintal. A tecnologia informática, tendo chegado às casas dos produtores de livros, é empregada de maneira otimizada, por pequenos grupos de pessoas ou por apenas um sujeito, surtindo efeito de guerrilha e oferecendo um produto bem-acabado, competitivo, embora possa ser graficamente incomum ou pouco afeito aos moldes comerciais das prateleiras de *best-sellers*.

No Brasil, em atuação, podemos citar uma série grande desses selos editoriais. No entanto, selecionamos alguns como representantes da possibilidade de editar a nova literatura a custo menor, em parceria com autores e livrarias, o que traz grandes efeitos, embora lentos, para a renovação da literatura nacional e a sensação de que ela esteja de fato viva<sup>3</sup>.

### **Selos e outros assuntos periféricos**

Em Curitiba, a editora Medusa, do escritor Ricardo Corona, atuou, na década de 1990, como selo que empreendeu o lançamento de vários nomes regionais e nacionais da literatura, além de lançar e manter a revista homônima, que circulou em todo o território nacional. Extinta no final dos 90, a Medusa teve importante papel renovador e lançou o próprio Corona como um dos nomes da poesia brasileira contemporânea.

Parece-nos, então, pela observação deste e de outros casos similares, que fundar um selo editorial é a maneira que alguns escritores encontram de se lançar, além de iniciarem uma série de lançamentos de amigos e pares que acabam formando uma rede de contatos interessada nos mesmos fins.

No Rio de Janeiro, o escritor Carlito Azevedo mantém, até hoje, a editora 7Letras, dona de vasto catálogo literário, principalmente em poesia, gênero de difícil difusão<sup>4</sup>. No entanto, o selo editorial de Azevedo tem em seu elenco nomes conhecidos nacionalmente, tais como ele próprio, Chacal e Cacaso, além de lançamentos da contemporânea literatura portuguesa, como Adília Lopes.

---

<sup>3</sup> Difícil saber quais desses novos autores serão considerados bons e serão 'eleitos' pelas discussões acadêmicas. No entanto, pensamos ser válida a iniciativa de renovar as prateleiras das livrarias com novos nomes, ainda que não sejam eles parte de um cânone futuro.

<sup>4</sup> Embora eventos como recitais e espetáculos poéticos tenham chamado a atenção do público e formado legiões de admiradores, vide *Te Vejo na Laura* – produzido pelos poetas Maria Rezende e Rodrigo Bittencourt – e CEP 20.000 – há mais de 10 anos produzido pelo poeta Chacal. Também o 5º Salão do Livro de Belo Horizonte, em 2004, lotou arquibancadas na apresentação de poetas mineiros e as Primaveras do Livro, em São Paulo e no Rio de Janeiro, têm sido bastante visitadas pelo público, que procura novidade nos estandes das pequenas editoras.

Em São Paulo, a editora Ciência do Acidente, representada por seu único dono e funcionário, o escritor e *designer* Joca Reiners Terron, lança livros de alto nível gráfico, custeados, em sua maioria, pelos próprios autores. São nomes do catálogo da editora os poetas Glauco Mattoso e Luiz Roberto Guedes, além dos prosadores Marçal Aquino e Manuel Carlos Karam.

A Ciência do Acidente foi a responsável pela captação de autores em várias partes do Brasil, atuando inclusive pela renovação da literatura feita em Minas Gerais e Rio de Janeiro.

Em Belo Horizonte, a editora Orobó, do ex-editor do Suplemento Literário, Anelito de Oliveira, lançou poetas e coletâneas da nova poesia mineira. Extinta, deu lugar à Scriptum, em princípio pequena livraria, que, em parceria com o poeta Ricardo Aleixo, lançou obras que circularam pouco, mas surtiram algum efeito para a literatura atual em Minas.

Em Porto Alegre, cita-se a editora Livros do Mal, especializada em prosa contemporânea, fundada por um grupo de amigos que escreviam na Internet. As obras foram lançadas em São Paulo e ganharam as prateleiras de várias capitais do país, de maneira surpreendente. Os editores, Daniel Galera e Daniel Pellizzari, se lançaram como autores do selo e mantiveram, por certo tempo, uma revista eletrônica importante na Internet, a Fraude, comprada pelo portal Terra e extinta em 2003.

Outro exemplo que aponta a viabilidade dessas empreitadas é a Edições K, uma das mais recentes editoras pequenas no país, que aposta no crescimento da atenção que iniciativas editoriais afins têm obtido, desde o final dos anos 90. Essa editora, idealizada e criada por autores do interior de São Paulo, Bahia e Rio Grande do Sul, surgiu em 2004, engrossando as fileiras de um sistema de trabalho editorial cooperativo, cuja produção não recorre a meios artesanais.

A primeira iniciativa da Edições K aconteceu durante a realização da II Flip (Festa Literária de Parati), realizada em julho de 2004, quando foram lançados seus quatro primeiros livros. Atualmente, a editora se encontra em processo de seleção de originais para suas próximas publicações.

Os quatro autores responsáveis pela criação da editora (Wladimir Cazé, Marcelo Benvenuti, Delfin e Patrick Brock) publicam constantemente na Internet, o que não os impediu de recorrer também à publicação impressa, investindo em um projeto editorial que pudesse editar livros com preços atrativos, boa qualidade gráfica e formatos alternativos.

Para evidenciar que o meio eletrônico pode e deve conviver harmoniosamente com o impresso, os editores criaram um *blog* para a editora<sup>5</sup>. A proposta, conforme explicam no *blog*, é reforçar a estratégia de furar o bloqueio das editoras tradicionais. Segundo define um dos autores-editores, Delfin, em entrevista para o *site* Paralelos<sup>6</sup>, “estamos mostrando a possibilidade de se editar, no sentido mais editorial da palavra, rapidamente e com qualidade, edições interessantes ao público e acessíveis”.

É possível afirmar que as editoras brasileiras de pequeno e médio porte constituem um fenômeno que atende à necessidade de dar vazão à imensa produção literária realizada na última década. O que podemos observar, neste momento, é a disposição dessas editoras em ultrapassar o senso comum de que suas publicações estão preenchendo lacunas deixadas pelas grandes editoras ou pelo mercado editorial. Um dos pontos de contato entre as pequenas editoras que têm surgido – essencialmente entre aquelas listadas neste trabalho – é a proposta de “cobrir ângulos da produção cultural contemporânea e até da tradição literária julgada mais difícil”, conforme defende Alcir Pécora (2000), em matéria para o jornal *Correio Popular*.

Pécora aponta dois fatores como sendo essenciais para o surgimento e conseqüente *boom* das pequenas editoras. O primeiro é relativo ao maior acesso à tecnologia, possibilitando que, das seis etapas de produção de um livro, quatro tenham condições de ser feitas em um computador caseiro: preparação do texto, revisão, capa e impressão de *laser film*. Dessa forma, a editora não cuida diretamente apenas do fotolito da capa e da impressão gráfica dos livros. Pécora frisa ainda que tal avanço tecnológico possibilitou também o barateamento dos custos de produção, uma vez que “há 20 anos, um fotolito custava metade do preço de um livro. (...) As máquinas para o fotolito custavam 500 mil dólares, sendo que hoje funcionam com computadores de 10 mil reais e máquinas de 200 mil reais, no máximo”.

O segundo fator levantado por Pécora diz respeito à decrescente preocupação das grandes editoras em constituir catálogos, preferindo investir em lançamentos de alto impacto e que possam gerar retorno imediato. Tal fato ele atribui à economia recessiva brasileira. A esses dois fatores essenciais, observados detalhadamente no histórico das pequenas editoras, o autor adiciona mais um: o esvaziamento intelectual produzido pelo imediatismo dos *best-sellers*, acentuado pelo foco rígido das editoras nos livros didáticos e paradidáticos – que constituem as faixas mais lucrativas de vendas.

---

<sup>5</sup> [www.edicoesk.blogspot.com](http://www.edicoesk.blogspot.com)

<sup>6</sup> [www.paralelos.org](http://www.paralelos.org)

De posse desses três fatores de análise, podemos especificar que não é tão somente pelo barateamento de custos tecnológicos e por representarem uma nova forma de montar catálogos que as pequenas editoras constituem uma importante força cultural. É também porque, nascidas da necessidade de diversificação, inclusive de cunho mercadológico, tornam-se agentes participativos de um movimento cultural e comercial muito mais amplo, que está constituindo, em toda parte, um espaço menos viciado em termos de produção intelectual.

### **Pequenas editoras e Internet**

Característica comum a todos os pequenos editores citados é a posse da força de trabalho, assim como do aparato tecnológico necessário para a produção de livros. Todos eles têm habilidades técnicas para operar computadores, programas de diagramação, além de certo apuro lingüístico para proceder à revisão de provas e à edição de conteúdos. Otimizam suas produções divulgando o trabalho editorial na Internet, sustentando revistas eletrônicas e cultivando um público fiel e interessado em novidades literárias.

É comum que o leitor dessas revistas eletrônicas que tem vontade de publicar livros faça propostas às pequenas editoras, mas não se trata de pequenas gráficas que imprimem qualquer trabalho. Os selos editoriais têm certo peso e fazem uma triagem séria do material que editam, muita vez servindo de ‘olheiros’ de editoras maiores.

Neste último caso, podemos citar autores que saíram de selos editoriais mínimos e foram para editoras como a Planeta e a Cia. das Letras. No caso da Internet como mídia primeira da nova literatura, muitos escritores passaram do digital para o impresso, como Clarah Averbuck, Daniel Galera, Daniel Pellizzari, João Paulo Cuenca e outros.

Quer nos parecer, com essa trajetória, que a Internet pode funcionar como vitrine para quem deseja ser publicado em papel, e que o impresso ainda é o desejo e o fetiche de quem escreve. Não podemos citar, por exemplo, casos de escritores que fizeram o caminho inverso, do impresso para o digital, extinguindo completamente o registro em papel.

Alguns escritores recém-lançados, apesar de terem livros publicados, fizeram da Internet espaço de manobra, orientação, experiência e contato direto com os leitores. É o caso de Ricardo Aleixo<sup>7</sup>, que disponibilizou um *blog* em que fala de seus livros, shows

---

<sup>7</sup> [www.jaguadarte.zip.net](http://www.jaguadarte.zip.net)

e textos. Também Marcelino Freire<sup>8</sup> mantém um *blog* em que noticia eventos literários e publica novos autores ou textos inéditos de escritores respeitados.

Joca Reiners Terron<sup>9</sup>, após o lançamento de seu terceiro livro, lançou-se em *blog*, onde escreveu a obra *Hotel Hell*, lançada pelo selo Livros do Mal. Nesse caso, o autor experimentou a escrita diária na Rede, sofrendo a intervenção direta dos leitores e reagindo a eles.

O fato de o editor dominar todas as ferramentas para a produção de um livro torna a publicação algo relativamente fácil, sem ser precário, além de garantir que os livros de pequenos selos tenham tratamento gráfico igual ou superior ao produto de grandes editoras. O pequeno selo imprime seus arquivos nas mesmas gráficas que a grande editora, fazendo grande diferença apenas a distribuição, que fica a cargo dos autores ou acontece a curtos passos.

Elimina-se uma equipe inteira e trabalha-se por muitas pessoas, em geral contando com a ajuda do próprio autor editado ou de amigos que tomam para si o mesmo desafio. As pequenas editoras, distribuídas por todo o país e surgindo a todo instante (basta ligar um computador e ter um QuarkXpress), têm sido de suma importância para a renovação da literatura nacional contemporânea, para o relançamento de autores esquecidos ou resgatados após longas décadas de recolhimento, além de fazerem a pesquisa e a captura que as editoras de grande porte não fazem.

Não se trata mais, frise-se bem, de editar livros artesanais, com papel alternativo e métodos caseiros, obtendo um produto bonito, em moldes tradicionais. Trata-se de abastecer um pequeno mercado (porém, interessado) de obras novíssimas, graficamente semelhantes às obras de grandes editoras e até mais sedutoras, já que não obedecem a padrões e identidades visuais estáveis.

Embora não saiam vencedoras, algumas obras de pequenos selos têm sido insistentemente indicadas ao Jabuti, maior premiação nacional em produção de livros. A indicação de capas, textos e autores tem causado conflitos, misto de constrangimento e alegria, para os pequenos selos, que, ao mesmo tempo que gozam de certa facilidade por serem periféricos e terem mais liberdade, tornam-se mais respeitados e conhecidos.

Sobre contexto diferente, mas muito transponível para esta transição entre impresso e digital (ou esta co-existência e hibridez de práticas e modos de produção), Chartier (1998) afirma:

---

<sup>8</sup> [www.eraodito.blogspot.com](http://www.eraodito.blogspot.com)

<sup>9</sup> [www.hellhotell.blogspot.com.br](http://www.hellhotell.blogspot.com.br)

De modo geral, persistia uma forte suspeita diante do impresso, que supostamente romperia a familiaridade entre o autor e seus leitores e corromperia a correção dos textos, colocando-os em mãos “mecânicas” e nas práticas do comércio. Manteve-se também a figura daquele que na Inglaterra do século XVIII se chamava de *gentleman-writer*, aquele que escrevia sem entrar nas leis do mercado, à distância dos maus modos dos livreiros-editores, e que preservava assim uma cumplicidade muito forte com os leitores. (CHARTIER, 1998, p. 9)

Em semelhança com o trabalho dos pequenos selos, embora empregando tecnologia diversa, o pequeno editor mantém a cumplicidade mencionada por Chartier e, na Internet, resgata a familiaridade entre as pontas do processo, uma vez que tem contato diário com a reação de quem lê as novas obras. A Rede parece ter diminuído a distância entre autor e leitor, entre autor e editor, entre a produção da obra e a reação do público, que pode, de fato, modificá-la na medida em que a crítica acontece quase que em tempo real.

Os editores que se mantêm, hoje, longe dos ‘maus modos’ do mercadão de livros têm a fina função de apontarem para o que acontece atualmente nas gavetas e nos computadores de escritores vivos e em franca atuação.

Essa forma de atuar na sociedade e entre leitores e escritores torna o livro uma aventura possível para quem deseja ler e avaliar a escrita literária contemporânea. Os pequenos selos têm tido forte influência na escolha das ‘novidades’ dos grandes editores, além de serem uma forma alternativa de chegar às prateleiras das livrarias.

Importante para o escritor, o trabalho dos pequenos selos tem garantido qualidade gráfica e alguma divulgação a um trabalho que tendia a ser natimorto.

### **Referências bibliográficas**

ALEIXO, Ricardo. *Trívio*. Belo Horizonte: Scriptum, 2001.

CHARTIER, Roger. *A aventura do livro*. Do leitor ao navegador. São Paulo: Unesp, 1998.

LOPES, Adília. *Antologia*. Rio de Janeiro/São Paulo: 7Letras/Cosac & Naify, 2002.

PELLIZZARI, Daniel. *O livro das cousas que acontecem*. Porto Alegre: Livros do Mal, 2002.

TERRON, Joca Reiners. *Animal anônimo*. São Paulo: Ciência do Acidente, 2002.

<[www.paralelos.org/out03//000445.html](http://www.paralelos.org/out03//000445.html)> acessado em 6.10.2004

<[www.unicamp.br/~franchet/cadc0902.htm](http://www.unicamp.br/~franchet/cadc0902.htm)> acessado em 6.10.2004

<[www1.folha.uol.com.br/folha/sinapse/ult1063u547.shtml](http://www1.folha.uol.com.br/folha/sinapse/ult1063u547.shtml)> acessado em 6.10.2004